



## LITERATURA INFANTIL E ESCOLA: O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

Beatriz Pereira de Almeida; Daniela Maria Segabinazi;

*Universidade Federal da Paraíba, beapdealmeida@gmail.com*

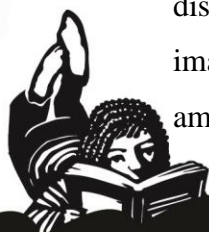
**Resumo:** Os estudos teóricos que versam sobre o letramento literário atestam que a criança tem contato com a leitura antes mesmo de adentrar nas instituições oficiais de ensino. Esse conhecimento se dá, inicialmente, por meio de suas experiências cotidianas que envolvem linguagens que ultrapassam o campo da escrita. Sendo assim, ao adentrar na escola, espera-se que os docentes reconheçam e considerem que seus alunos possuem um conhecimento prévio e que este pode ser ampliado por meio do uso de textos literários verbais e visuais, os quais permitirão que o pequeno leitor participe de experiências de vida através da representação do mundo, fazendo assim uma relação entre o real e o imaginário. Desta forma, é papel da escola, por meio da literatura infantil, aguçar nas crianças a criação, a fruição e a imaginação. No entanto, o atual cenário nos mostra uma realidade que diverge dessas expectativas, seja em razão dos textos literário não estarem presentes em sala de aula, seja por serem usados para outros fins. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar e analisar os resultados da realização de uma oficina literária, em uma escola da rede pública de ensino do município de João Pessoa, com crianças do nível fundamental I, bem como discutir sobre a importância da literatura infantil em sala para a fruição da imaginação das crianças e de sua emancipação enquanto leitores.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Escola; Imaginação; Emancipação; Estratégias de leitura.

### INTRODUÇÃO

A ficcionalização e a capacidade de imaginar estão presentes na vida das crianças desde cedo, bem antes delas entrarem na escola. Estudos mostram que a partir das brincadeiras, do contato com o mundo, das vivências cotidianas, os pequenos aprendem como terem autonomia, desenvolvem a capacidade de se relacionar com os outros, de resolver problemas sozinhos, de terem suas opiniões e seu olhar diante do mundo. Tudo isso acontece quando eles têm a imaginação aguçada e cultivada pelas pessoas que os cercam, logo, ao adentrar na escola, imagina-se que essa fluidez imaginativa das crianças vá apenas aumentar e se solidificar, o que muitas vezes, não acontece.

As razões para que isso não aconteça são várias e não são especificamente o alvo de discussão desse trabalho, mas podemos pensar que: inúmeras crianças têm seu potencial imaginativo podado desde cedo pela realidade em que vivem, já que crescendo em um ambiente de violência, é bastante difícil ficcionalizar, como é o caso das crianças que fizeram





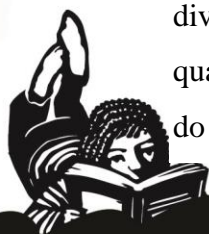
# VII ENLIJE

parte da Oficina Literária a ser narrada nesse trabalho. Outra situação está ligada ao fato de que muitas crianças também não recebem amor e manifestações de afeto das pessoas que estão à sua volta, sendo difícil se refugiar na imaginação. No entanto, ao adentrar na escola, espera-se que essas e as outras crianças que já chegam em sala de aula com a capacidade de imaginar fluindo, aumentem ainda mais esse poder e a literatura quando trabalhada de maneira planejada pode ser um forte mecanismo para aproximar as crianças desse mundo da fantasia, do faz de conta. No entanto, muitas vezes, não é isso que acontece.

Desde cedo, com um currículo gigantesco cheio de conceitos para aprender, fórmulas, conteúdos, a imaginação vai tendo que ser deixada de lado para que as crianças possam entender quantas letras têm no alafabeto, juntar as sílabas até chegar às frases e a tão esperada leitura, assim como, aprender quantos planetas há no sistema solar, o que é sistema solar, as quatro operações... Enfim, não sobra espaço para as curiosidades reais das crianças, para responder aos seus “por quês?” e para valorizar o conhecimento de mundo que elas já possuem, atendendo horizontes de expectativas e mobilizando repertórios conhecidos e outros a serem descobertos. E isso não é simplesmente responsabilidade dos professores e professoras, mas de todo um sistema que exige que desde pequenas as crianças aprendam a dar respostas corretas e serem punidas – seja com notas menores ou com constrangimento na frente dos outros colegas – quando dão respostas “erradas”.

A cobrança de saber dar respostas corretas e da avaliação vem com tanta força que as crianças vão perdendo a capacidade de formularem seus próprios questionamentos e darem suas respostas e opiniões acerca de um determinado assunto. Por exemplo, não importa se elas não entendem o porquê do céu ser azul, ele é azul e a discussão está acabada. Às vezes, os próprios professores não têm respostas para os questionamentos dos pequenos e há também uma cobrança de que eles saibam todas as respostas, herança de um modelo de professor que tudo sabe, um paradigma que não comporta a aprendizagem junto às crianças, por isso, o caminho mais fácil é barrar esse questionamento “exagerado” dos pequenos.

A literatura e, principalmente, o ensino da literatura não ficam de fora disso. Muitas vezes, quando lida em sala de aula, ela é trabalhada com dois objetivos: O primeiro é de que as crianças aprendam a saber o fim da história ou “adivinhar” o que vem exatamente nas próximas páginas de um livro, conforme uma voz autorizada, seja do professor ou da crítica, mas não podem dizer o que depreendem de leituras subjetivas, compartilhadas por horizontes diversos; então, novamente, o “certo” e “errado” surge e qualifica a leitura como satisfatória quando a interpretação é comum a todos. O segundo objetivo é mais contraditório à natureza do texto literário acontece quando é utilizado para fins não literários; ou seja, quando o m.br





# VII ENLIJE

professor ao ler um livro, ao invés de instigar as opiniões da criança, sua curiosidade acerca da história, pede para elas apontarem cores, formas, letras, números etc. Aliás, como diz Zilberman (1994) “até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos;” E assim, a capacidade imaginativa da criança é deixada de lado, já que o mais importante é saber responder corretamente o que foi solicitado.

Diante disso, podemos perceber a importância da literatura ser usada em sala de aula como forma de garantir o desenvolvimento das habilidades de conexão das crianças com o conhecimento de mundo, da valorização dos seus questionamentos, da curiosidade que elas têm e de suas reflexões fazendo-as se tornarem sujeitos participativos e críticos desde pequenos. Já que, segundo Zilberman:

[...] a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2009, p. 17)

Sob essa perspectiva, cientes da importância da leitura de obras infantis para despertar a imaginação, ampliar horizontes e repertórios de leitura de textos, contextos e outros mundo para o crescimento pessoal e social é que vamos apresentar um trabalho realizado em oficinas de contação de histórias, realizada na escola municipal Lucia Giovanna D. de Melo, na cidade de João Pessoa, PB. Salientamos que as oficinas vem ocorrendo semanalmente desde março de 2018, mas para esse trabalho nosso recorte será de uma oficina que ocorreu no início do ano, o que talvez justifique parte da análise a ser apresentada.

A oficina analisada foi feita com base no livro *No mundo do faz de conta* (2012) do autor Fê lançado pela editora Paulinas. As reflexões acerca do planejamento da oficina e das discussões geradas depois da aplicação da mesma foram feitas com base em Girotto e Souza (2010), Zilberman (1994, 2009), entre outros autores. A metodologia desse trabalho é de base descritivo-interpretativa de cunho qualitativo para a realização da revisão bibliográfica e para a compreensão do texto como ferramenta fundamental para o letramento literário na escola.

Os resultados desse trabalho apontam para a necessidade de tornar a leitura literária mais presente em sala de aula, através de oficinas como as de contação de histórias em que as crianças tenham a oportunidade de questionar sem medo, de dizerem o que pensam, de ficcionalizarem sem que isso seja encarado como certo ou errado, uma constante avaliação. Assim como, é possível perceber que um trabalho só pode ser realizado quando a literatura é levada a sério, sendo encarada como ferramenta real de aprendizado não só para a escola, mas





para a vida do leitor, contribuindo para dimensões que ultrapassam os conteúdos escolares como dimensões formativas da cultura, da ética, da estética, da política etc.

## ETAPAS DE ESTUDO

- **Elaboração da oficina literária**

A obra *No mundo do faz de conta* (2012) do autor Fê foi escolhida após considerarmos o conhecimento prévio dos alunos em experiências com o faz de conta, imaginação, invenção, e queríamos um texto que se aproximasse diretamente do universo infantil, recheado de fantasia, de ficção, de possibilidades de sentidos e emoções. Como o livro trata da possibilidade de dar nomes e funções diferentes aos animais, imaginamos que essa capacidade de dar sentidos novos e “ilógicos” às coisas estaria aflorada nas crianças, já que nessa fase percebemos que os significados que nós, adultos, damos a tudo, ainda estão em formação nas crianças. Consoante o que diz Girotto e Souza sobre o contato com a leitura:

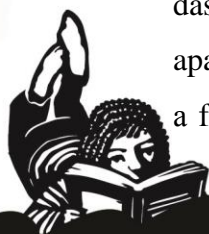
Justamente porque quando lemos para as crianças a primeira coisa que elas fazem é procurarmos conexões com suas vivências. [...] Assim, mesmo os menores se identificam ou procuram pontos semelhantes entre as histórias e suas experiências de vida. (SOUZA; GIROTTO, 2014, p. 36)

Além disso, também queríamos propor um diálogo com outro elemento que está presente, por experiência pessoal, na vivência das crianças: os amigos imaginários. Através da história queríamos instigar que as crianças compartilhassem se por acaso já tiveram um amigo imaginário – ainda que ele fosse um boneco, um carrinho ou uma pessoa – qual seria seu nome e a história que as crianças teriam inventado para a “criação” dele.

### **Conhecendo a história:** *No mundo do faz de conta*

Logo na orelha do livro destacamos um convite ao leitor, uma conversa que chama para a criatividade e a imaginação da criança; o paratexto diz: “Faz de conta que toda criança é livre para brincar, para sonhar, para ser uma criança CRIATIVA. Em NO MUNDO DO FAZ DE CONTA do Fê, a liberdade para inventar está de mãos dadas com a alegria espontânea e sincera de ser feliz” (FÊ, 2012)

A obra possui um projeto gráfico e ilustrações bem coloridas, com rabiscos ao longo das páginas que parecem com livros que pertencem a crianças de fato. As ilustrações aparentam ter sido coloridas com giz de cera por crianças. A história começa e sempre retoma a frase “No mundo do faz de conta...” como uma narrativa cumulativa e cria uma invenção

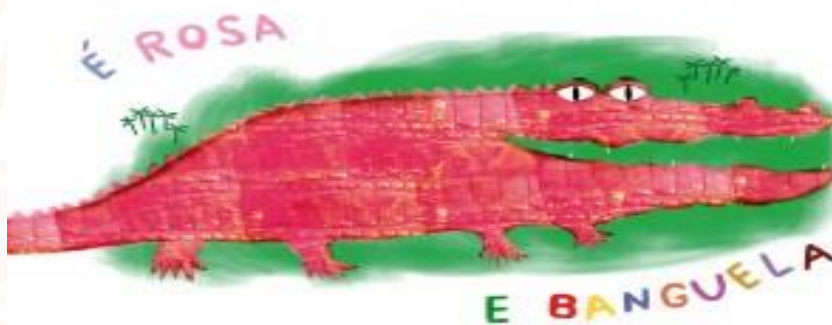




# VII ENLIJE

que poucas vezes somos capazes de adivinhar. Cada página tem apenas uma palavra com o nome de um animal e na página ao lado uma dica do que virá a seguir. A exemplo do animal que inicia a história: O livro traz a palavra “Jacaré” toda colorida em uma página e na página ao lado um rabo de jacaré cor de rosa, ao virarmos a página nos deparamos com o animal por completo:

Figura 1. Jacaré



Fonte: No mundo do faz de conta (FÊ, 2012, n. p)

E assim se faz a história, seguido por vários animais sendo ressignificados até chegar ao final do livro que propõe e reforça que “tudo é possível no divertido mundo do faz de conta, porque é o mundo dos sonhos, da alegria, das brincadeiras, é o mundo mágico e criativo das crianças”. (FÊ, 2012, n. p)

**Objetivos da oficina:** Estimular possibilidades de criação de nomes e funções diferentes aos animais para que realizem desconstruções de significados e elaborem recriações imaginárias; mostrar como pode ser divertido deixar fluir a imaginação e criar situações inusitadas, o *nonsense*, rompendo com o universo referencial e concreto das palavras; por fim, dialogar sobre amigos imaginários para expandir possibilidades de diálogos com os leitores e a ficção.

**Turmas:** 2º e 3º anos

**Materiais e recursos utilizados:**

- O livro *No mundo do faz de conta* de Fê.
- Caixa com vários bichos de pelúcia.
- Roupas caracterizadas para as contadoras.
- Folha de ofício.
- Giz de cera.





# VII ENLIJE

**Duração da contação + atividades de leitura:** 50 minutos.

## **Pré-leitura:**

As contadoras iniciaram o momento da contação como “personagens” do mundo do faz de conta: “Princesa Unicórnio” e “Princesa Amora” estando caracterizadas, respectivamente, com roupas e acessórios que remetam a isso. Perguntaram as crianças se elas conhecem alguma princesa, se já conviveram com alguma e ouviram suas respostas. Também instigaram a falar se reconhecem elementos, situações e histórias que lembram as princesas. Em seguida, colocaram a caixa em frente às crianças e deram início às perguntas: o que eles acharam que havia dentro da caixa e retirando os animais de pelúcia, um por vez. A medida que as crianças foram reconhecendo os animais, foi solicitado que atribuíssem um novo significado a eles, por exemplo: ao tirar uma galinha de dentro da caixa, esperar as crianças falarem o que ela é e dizer para as crianças que “não, isso aqui é um dragão e não uma galinha”, provocando reações, deixando que manifestem discordâncias ou não e quiçá apresentando outras fantasias.

Ao término dessa etapa, retirada de todos os animais da caixa, então retirou-se o último elemento surpresa da caixa, o livro da contação. Mostramos a capa para eles e em seguida perguntamos se sabiam o título da história: o mundo do faz de conta. Posteriormente, perguntamos se alguém já conhecia esse mundo, se já estiveram lá, se eles têm amigos de lá e como seria esse lugar, o que pode ser feito ali.

## **Durante a leitura:**

Esse momento é a leitura do texto, portanto iniciamos a leitura com o livro e a medida que a frase “No mundo do faz de conta...” se repetia, fomos indagando e incentivando o que poderia ocorrer com o animal que aparece na página anterior a sua transformação. Então, para cada página nova sempre propusemos o questionamento: o que acham que vai aparecer em seguida? Como esse animal virá? Será diferente? Incentivando a partilharem suas inferências e imaginação com os colegas. Ainda, perguntamos se haviam tido contato com algum daqueles animais e em quais situações. Foi nesse momento que buscamos atentamente observar as reações das crianças a cada novo animal e situação nova apresentada para aquele faz de conta.

## **Depois da leitura:**





# VII ENLIJE

Deixamos as crianças livres para falar se gostaram da história, se foi divertido ver os animais fazerem coisas diferentes do que eles estavam acostumados e se já tinham dado algum nome diferente para alguma coisa ou para algum animal. Em seguida perguntamos se eles já tiveram algum amigo imaginário - alguém ou alguma coisa - e como era essa amizade, quanto tempo durou, ou se não tiveram essa experiência, como poderia ser essa amizade, estimulando possibilidades e aguçando possíveis histórias, imaginários infantis. Ao final solicitamos para que cada um desenhasse e pintasse na folha de ofício o amigo imaginário que eles já tiveram ou queriam ter.

- **Aplicação da oficina**

Ao entrarmos na sala de aula vestidas de “Princesa Unicórnio” e “Princesa Amora” perguntamos se as crianças conseguiam reconhecer porque esses são os nossos nomes: Uma de nós estava com uma roupa que lembrava o arco-íris e a outra estava toda de vermelho e foi a partir desse momento que a oficina já começou a nos surpreender. As crianças demoraram um bom tempo para reconhecer porque a princesa Amora tinha esse nome e tentaram insistentemente nos ensinar - todos gritando em uníssono - que unicórnios não existem, que eles são só desenhos, que são invenções. Assim como, quando falamos que viemos do “mundo do faz de conta” e perguntamos se eles conheciam esse lugar, se já tinham viajado até ele, a maioria das crianças também falou que esse lugar não existia, que era invenção nossa.

Da mesma forma, quando iniciamos a “brincadeira” do antes da leitura, isto é, de ir tirando cada um dos animais da caixa e deixar eles falarem que animal era aquele para em seguida afirmarmos que era outro, a maioria deles ficava eufórico tentando nos corrigir e nos dizer que por exemplo “é claro que vaca não pode ser hipopótamo porque ela é vaca e pronto”. Isso aconteceu em todas as turmas em que a oficina foi realizada, pois grande parte das crianças tiveram dificuldades de adentrar na proposta da narrativa propiciada pela obra e durante a contação porque estavam presos à realidade. Foram poucos alunos e alunas que conseguiram se desprender do mundo concreto e real, evidenciando receio em entrar no jogo da ficção, da fantasia e imaginação para arriscar um novo nome ou uma nova função para um animal diante dos colegas e da professora. Percebemos também que a maioria deles olhava para a professora com um olhar ansioso, como quem pensa “olha o que elas estão dizendo, me ajuda a falar que elas estão fazendo errado”.





# VII ENLIJE

Durante a leitura do livro, principalmente nas primeiras páginas, a maior parte das crianças tentavam “acertar mesmo” o que cada animal fazia ou como ele parecia, ao invés de dar um novo significado. Por exemplo, quando lemos “No mundo do faz de conta, leão...” a maioria gritou “tem juba!”, “é o rei da floresta”, “é grande” e se decepcionou quando falamos “Mia!”. Da mesma maneira quando lemos “No mundo do faz de conta elefante...”, quase todos gritavam “é cinza”, “tem tromba”, “é gordo” e estranharam muito com a resposta: “Elefante voa!” É claro que após algumas páginas do livro e muita insistência da nossa parte, a maior parte das crianças conseguiram se envolver com a história e começaram a soltar a imaginação, mas algumas permaneceram balançando a cabeça negativamente até o final da história para os animais que mostrávamos.

Após o término da Contação, perguntamos quem gostou da história, o que eles acharam dos animais que estavam nela. Depois perguntamos se eles já tiveram algum amigo imaginário - para os que não sabiam o que era, explicamos - como aquele da história ou parecido com eles. Quase todos responderam que sim – não sabemos se com sinceridade ou porque os colegas ao redor estavam dizendo que tiveram – e então pedimos para que eles desenhassem esses amigos imaginários para nós. Garantimos que não precisava desenhar “bonito” e que o mais importante era soltar a criatividade, tentando colocar no papel aquele “amigo” que só vivia na imaginação de cada um e por fim, pedimos para eles escreverem o nome desse amigo – se ele já tivesse – ou criassem um nome para ele. Alguns desses desenhos estão ao final desse trabalho para visualização.

- **Resultados e discussões**

A partir dos resultados obtidos durante essa oficina percebemos ainda mais a importância de ter a literatura presente diariamente em sala de aula como forma de garantir a emancipação da criança enquanto sujeito leitor, imaginativo. Segundo Zilberman (1994), a literatura sintetiza por meio da ficcionalização, o que o pequeno leitor vive em seu cotidiano, ainda que a história se passe em um ambiente totalmente diferente do dele, com coisas que ele pode até mesmo não conhecer, “o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.” (ZILBERMAN, 1994, p. 22) É daí que vem a necessidade da literatura estar constantemente presente no dia a dia das crianças porque só a partir desse contato quase diário é que essas relações serão estabelecidas.







# VII ENLIJE

Desse modo, algumas inquietações e dúvidas surgiram após a aplicação da oficina, dada as dificuldades das crianças em se deslocarem da realidade e entrar em um mundo de fantasia, no jogo da ficção e do contrato de leitura – leitor e obra. Podemos atribuir a necessidade das crianças de responderem “corretamente” sobre os animais da história ao ambiente em que estão inseridas, na casa e na escola. Na escola é justamente na idade em que elas estão – entre sete e oito anos - aprendendo conteúdos e assuntos relacionados aos animais, informativamente e cientificamente, portanto alguém desafiando-os a falar algo diferente do que eles terminaram de aprender que é verdade e real, seguramente é difícil e estranho, avesso e contraditório às informações e conhecimentos adquiridos.

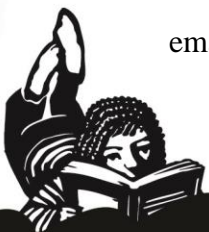
Entretanto, não foram somente as respostas das crianças que nos surpreenderam, mas também os desenhos que pedimos para elas criarem de algum amigo imaginário. A maioria das crianças teve dificuldades de desenhar o amigo imaginário – mesmo afirmando anteriormente que tinham – ou de criar um amigo imaginário naquele momento. Grande parte dos desenhos eram justamente os desenhos mais “comuns” dessa idade: sol, nuvens, árvores e flores; alguns desenharam um arco-íris se inspirando na roupa que uma de nós estávamos usando; outros desenharam animais ou coisas já existentes: como cachorro, boneca, urso. Alguns desenhos escaparam ainda mais do que foi pedido: um menino desenhou dois tanques de guerra em ação (ver Anexos), outro desenhou somente uma borboleta no cantinho da folha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante com Zilberman (1994), queremos destacar neste artigo a importância de ter a literatura presente em sala de aula sem necessariamente:

[...] privilegiar um gênero ou uma espécie em detrimento de outras (...) e sim de admitir que, seja através do conto de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades. (ZILBERMAN, 1994, p. 24)

E assim preservar a leitura literária como forma de permitir que as crianças se enxerguem, se identifiquem e se conheçam. Para isso, buscamos neste trabalho mostrar a importância de incentivar cada vez mais atividades como Oficina Literária com as crianças, incentivando-as a dar suas opiniões, fazer escolhas, participar da história, só assim haverá uma contribuição efetiva para que elas cresçam como sujeitos críticos, pensantes e emancipados socialmente.





# VII ENLIJE

## REFERÊNCIAS

FÊ. No mundo do faz de conta. São Paulo: Paulinas, 2012.

GIROTTO, Cyntia Graziella; SOUZA, Renata Junqueira. Ler e Compreender: Estratégias de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântida, nº 14. UFRGS, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1994.

## ANEXOS



*Desenho 1: amigo imaginário.*





# VII ENLIJE

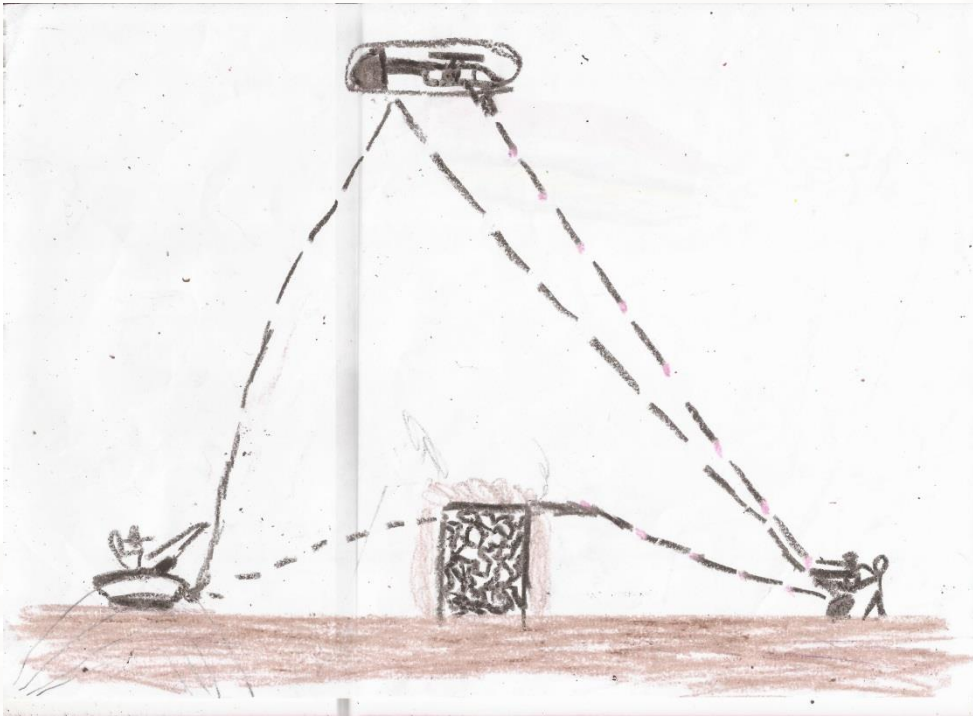


*Desenho 2: amigo imaginário.*



*Desenho 3: amigo imaginário*





*Desenho 4: amigo imaginario.*

